

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
NA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO

O arremesso dos dentes de leite

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. de Antropologia da F. C. da Univ. do Porto



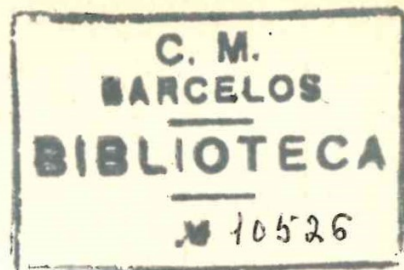
PORTO
Imprensa Portuguesa
108, Rua Formosa, 116
1965



8.3(469)(04)
AN

BIBLIOTECA

Extracto do fascículo 2 do vol. XIX
dos
Trabalhos de Antropologia e Etnologia



Barceliana Perm.

O arremesso dos dentes de leite

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. de Antropologia da F. C. da Univ. do Porto

É corrente de norte a sul do país a prática infantil do arremesso dos dentes de leite, ora para cima do forno ou do telhado, ora ao lume ou à borralheira, ou para algures, sem discriminação especial do local para onde se atira o dente.

Em certas regiões sem quaisquer cuidados ou regras a observar, a não ser a recitação dum frase em que se pede um novo dente; porém na maior parte das regiões o arremesso do dente tem de ser feito para trás das costas, antecedido também pela frase peticionária dum dente novo, robusto e perfeito.

Esta costumeira infantil tem, seguramente, origem remotíssima. Para as gentes de épocas longínquas, desconhecedoras da existência das gemas dentárias originadoras dos dentes definitivos, o nascimento destes, após a queda dos dentes de leite, constituiria fenómeno estranho que, ao seu espírito facilmente se apresentaria como resultante de forças dotadas de singular poder de magia.

Dadas as frequentes modalidades do arranjo dos dentes definitivos, com seus defeitos de implantação, acavalgamentos, rotações, ectopias, aparecimento de dentes supranumerários, etc., havia que implorar o poder mágico, que o homem de épocas remotas julgava presidir ao aparecimento dos novos dentes, para que estes resultassem belos e perfeitos.

Assim teria nascido o rito peticionário de novos e belos dentes definitivos a seguir à queda dos dentes de leite, rito espa-

lhado de norte a sul de Portugal e também frequente em muitos povos europeus e até no Brasil.

Lembro-me muito bem, lembro-me como se fosse ontem, cada vez que me caía um dente de leite, muitas vezes acabado de arrancar com uma linha ⁽¹⁾ dos cuidados que me eram recomendados pela minha avòzinha, pelos criados e familiares da casa da aldeia (Quinta da Caverneira — freguesia de Águas Santas, concelho da Maia) onde me criei.

Os perigos que havia em que o dentinho fosse cair algures eram múltiplos e até contraditórios. Se o dentinho fosse engolido pelas galinhas corria-se o perigo de não nascer outro, e muito assisadamente, me diziam: «É que as galinhas não têm dentes» ⁽²⁾.

Eu via que de facto assim era. Nunca vira dentes às galinhas.

Ou diziam-me que de nenhum modo o dentinho caído podia ser comido pelos porcos. Se tal sucedesse os dentes novos sairiam grandes e feios como os dos porcos. Acreditava piamente no que me diziam. Para mim era um acto sério o atirar o dentinho para cima do forno.

De costas voltadas para o forno pronunciava três vezes a fórmula sacramental: *Dente fora cagalhão na cova, venha outro*

(1) Em algumas regiões do norte de Portugal para arrancar o abalado dente de leite que teima em não cair, usa-se atar-lhe uma linha comprida cuja ponta livre se amarra ao puxador duma porta aberta. Fecha-se a porta com rapidez e o dentinho é levado amarrado à ponta da linha. Pessoa amiga nada e criada na freguesia de Águas Santas, concelho da Maia, contou-me que alguns dos seus dentes de leite foram arrancados por este processo.

Em Rio de Onor averiguei que o abalado dente é acabado de arrancar com um «baracinho» que se lhe ata e outra pessoa puxa.

(2) O meu amigo D. Francisco Gonzalez, informou-me que na aldeia de Laiantes — Galiza onde nasceu e passou a sua meninice recomendam às crianças o mesmo cuidado, pois se uma galinha engolir o dentinho não nasce outro. E a explicação é precisamente a mesma: é que as galinhas não têm dentes.

p'rá casinha nova. Acto contínuo arremessava o dente para trás das costas, por cima da cabeça; imediatamente chapava as mãos nas orelhas para não ouvir o ruído do dente ao bater nas coisas que se arrumavam em cima do forno.

Registe-se desde já que a referência ao troço cilindro cónico de fezes moldadas era feito sem o menor reбуço. Mas é bom acentuar que seria considerado como prova de falta da educação o pronunciar tal vocábulo em qualquer outra ocasião, por tal vocábulo ser considerado «palavra feia».

Note-se que a palavra *caganita* com a mesma raiz, e referente às fezes granuladas de vários animais, tais como ratos, ovelhas, cabras, coelhos, lebres, etc., é dita correntemente sem o menor reбуço.

Há preconceitos de linguagem estabelecidos que cumpre respeitar. Porém tal respeito pode desaparecer como por exemplo no arremesso do dente de leite e nas eiras durante a malha do centeio, como tivemos ensejo de observar na Cardenha (1), freguesia do concelho de Moncorvo.

No rito mágico do arremesso do dente de leite, como vimos, uma palavra considerada como soez, quando empregada na linguagem corrente, é dita com a maior sem-cerimónia. É que este acto simples de atirar o dentinho apresenta-se ao espírito do povo como um acto de magia, um acto sério, quase solene. Para mim,

(1) No nosso trabalho *Malha do cereal na Cardenha e coro dos malhadores*, Santos Júnior, P.º António Mourinho e Afonso Valentim, separata do «Douro-Litoral», n.ºs VII-VIII da 6.ª série, Porto, 1955, acentuamos (págs. 17 e 18) o facto de na eira os malhadores cantarem quadras indecorosas, algumas descaradamente pornográficas com alusões veladas ou declaradas aos órgãos sexuais, bem como ao coito.

Se em qualquer outra ocasião alguém cantar alguma dessas quadras ou similares, o facto é manifestamente censurado, e quem o fizer considerado atrevido e desbragado.

pelo menos, tal acto, — que, como disse, retenho na memória com extraordinário frescor de vivência —, era um acto sério, a que o ar circumspecto dos familiares conferia uma quase solenidade.

É de crer que tal circunstância seja em parte a condicionante da liberdade do emprego da palavra referida, que, como veremos, tem possivelmente um significado simbólico

*

Muitas vezes pensei nesta costumeira infantil e na persistência com que a mesma se conserva no povo das nossas aldeias, vilas e até cidades.

Aqui e ali fui ouvindo o povo e registando as modalidades existentes na velha prática do arremesso dos dentes de leite.

Em 1922, publiquei sobre o assunto um trabalho que intitulei *Nótula sobre o arremesso dos dentes* (1).

Depois, em 1935, o mesmo assunto, acrescido de mais alguns elementos, foi por mim tratado no trabalho *Contribution à l'étude du jet de la dent au Portugal* (2) apresentado no Congresso International de Bruxelas.

Nunca deixei de me interessar por este assunto e fui colhendo aqui e ali, ao acaso dos meus contactos com o povo, as fórmulas precatórias inerentes ao arremesso dos dentinhos de leite e às práticas rituais com que o mesmo deve ser feito.

(1) J. R. dos Santos Júnior, *Nótula sobre o arremesso dos dentes*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. v, Porto, 1932, págs. 363 a 368.

(2) J. R. dos Santos Júnior, *Contribution à l'étude du jet de la dent au Portugal*, XVI^e Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique et V^e Assemblée Générale de l'Institut International d'Anthropologie, Bruxelles, 1-8 sept. 1935, Bruxelles, 1936, págs. 1075 a 1082.

Vejamos agora as modalidades que consegui registar.

Na freguesia de Águas Santas, concelho da Maia, o dentinho era atirado para cima do forno, de costas voltadas, e o arremesso precedido do seguinte dizer, já atrás referido, dito três vezes seguidas:

Dente fora
Cag .. na cova.
Venha outro
P'rá casinha nova.

Em Matosinhos, arredores do Porto, o meu informador não indicou o local para onde o dente é arremessado, nem tão-pouco como o arremesso era feito. Apenas me disse a fórmula votiva que é esta:

Dente fora
Cag... na cova.
Venha outro
Com a Senhora da Hora.

Outro informador, também de Matosinhos, deu da prática do arremesso do dente outra modalidade, sem especificar se o arremesso era feito para trás das costas, como é de crer que fosse. O dente atirava-se para uma casa velha abandonada, e diziam

Dente fora
Cag... na cova.
Nasça outro
P'rá casinha nova.

Rui Manuel Reis Soares Brandão, na sua Dissertação para a Licenciatura em Medicina, Porto, 1959 intitulada *Algumas considerações sobre odontologia popular* e existente na Bibliot. da Fac. de Med. do Porto, a pág. 49, diz que em Valbom, concelho de

Gondomar, se atira o dente de leite para trás do forno e que o dizer que antecede o arremesso pode ser nas seguintes modalidades:

<i>Dente fora</i>	<i>Dente fora</i>
<i>Dente dentro.</i>	<i>Cag... na cova.</i>
<i>Nasça-me um dente</i>	<i>Nasça me um dente</i>
<i>P'rá Senhora da Hora.</i>	<i>Em louvor da Senhora da Hora.</i>

À recordação de infância do velho amigo Dr. Tito Lívio dos Santos Mota, que foi criado na cidade do Porto, devo mais esta fórmula por ele dita no seu tempo de menino.

Dente dentro
Dente fora.
Cag... na cova.

No Porto e em S. Félix da Marinha, concelho de Vila Nova de Gaia, as crianças atiram o dente para trás das costas e dizem a fórmula votiva igual à primeira das que se indicaram referentes a Matosinhos.

Para Vilar de Andorinho, concelho de Vila Nova de Gaia, o Dr. Fernando de Castro Pires de Lima (1) cita as duas seguintes variantes:

<i>Simão, Simão,</i>	<i>Na cinza do meu braseiro</i>
<i>Toma este dente podre</i>	<i>Deito este dente, para que o primeiro</i>
<i>Dá cá um são.</i>	<i>Seja belo e são.</i>

(1) Fernando de Castro Pires de Lima, *A prática mágica do arremesso do dente*, in «Revista de Etnografia», vol. III, tomo I, Julho de 1964, Porto, 1964, págs. 5 a 21.

Deste mesmo autor é o trabalho *Os dentes na Etnografia portuguesa*, separata do Boletim dos Hospitais da Santa Casa (Misericórdia do Porto), série I, número especial dos «Dias Estomatológicos», Julho de 1940. Apud trabalho anterior.

Ainda quanto a Vila Nova de Gaia, Leite de Vasconcelos (1) diz que «As crianças quando tiram um dente devem deitá-lo para trás das costas dizendo três vezes (Gaia, etc.).

Dente fora

Outro melhor na cova.

Continuo a transcrever, em sequência, o que Leite de Vasconcelos publicou nas págs. 205-206 das *Tradições populares de Portugal*.

«Outras fórmulas:

Dente fora

Outro melhor na cova;

Em louvor de S. João

Que me dê outro melhor

P'ra comer o pão.

(Vouzela)

Dente fora

Cagalhão na cova.

Mondim de Basto, (etc.)

Em louvor de S. João

Dente podricão

Este fora e outro são.

(Tabuaço)

Toma lá um dente podre

Dá-me cá um são.

(Norte do reino)

«No Brasil as crianças quando chegam à idade de mudar os dentes tiram um, deitam-no ao telhado e dizem:

Mourão, mourão,

Tomai lá vosso dente podre

E dai-me cá o meu são.

(Alm. Lembr., 1864, p. 283)».

(1) Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Porto, 1882, págs. 205-206. Trabalho feito quando aluno da Escola Médica do Porto.

Para não quebrar a sequência da transcrição, na íntegra, daquilo que o Mestre eminente da Etnografia portuguesa escreveu sobre o arremesso do dente de leite, ficam aqui interpoladas localidades que não são próximas vizinhas e também a citação referente ao Brasil.

Continuemos com a citação das práticas que colhi, seguindo uma distribuição um tanto arbitrária é certo, mas procurando sequência de vizinhança corográfica.

Em Louredo da Serra, freguesia do concelho de Paredes a criança vira-se de costas para o forno e, antes de atirar o dente para cima do forno, diz três vezes:

Dente fora

Cag... na toca.

Na freguesia de Real, do concelho de Vila Meã, a prática é inteiramente igual à anterior mas o dizer que precede o arremesso é este:

Dente fora

Cag... na cova.

Ó meu Santo Antoninho

Pega este dente podre

E dá-me outro mais sãozinho.

À amabilidade do amigo Mário de Moraes Peixoto, distinto professor primário em Amarante, devo a seguinte informação

«Na freguesia de Aboadela, concelho de Amarante, era uso corrente sempre que caía um dente a uma criança dizer: *Dente fora cag... na cova*. Seguia-se o arremesso do dente para a borralheira ou para trás do forno, com preferência do último, tendo a precaução de tapar os ouvidos para não ouvir a pancada do dente ao cair. Por vezes, e para ser mais certo o aparecimento

do novo dente applicava-se no local da saída excremento de galinha, que, na vizinha freguesia de Sanche, era de preferência de galinha preta.

O mesmo amigo informou ainda que no lugar do Paço, freguesia de Ermelo do concelho de Mondim de Basto, a prática ritual é a mesma, sem contudo ter a particularidade da estrumação do novo dente com excremento de galinha, como sucedia em Sanche e Aboadela.

Em Travanca, freguesia do concelho de Amarante a criança atira o dentinho para trás das costas e para cima do forno, dizendo antes :

Dente fora

Cag... na cova

E m... de cão na buraca.

Em Santiago de Piães, freguesia do concelho de Cinfães, a Sr.^a D. Rita Maldonado, de 85 anos de idade contou-me que, quando em menina lhe caía um dentinho de leite, a mãe a ensinava assim: ter o dente na mão direita e dizer três vezes

Dente vão

Nasça-me outro são.

Depois de que, acto contínuo, atirava o dente por cima do ombro esquerdo para o chão dum terreiro.

Informou ainda que em Santiago de Piães havia também o uso de dizerem *dente fora cag... na cova*, mas que muitas pessoas se inibiam de ensinar esta fórmula às crianças, preferindo a anterior por mais asseada.

O meu amigo P.^e Amadeu Soares, natural de S. Pedro de Paus, concelho de Resende, disse-nos que ali a prática

do arremesso do dente consistia no seguinte: a criança dizia três vezes,

Dente pedernão

Toma lá o teu dente podre

E deixa cá ver um são.

Atirava acto contínuo o dente para trás das costas no quinteiro, onde havia mato estendido para fazer estrumeira. A própria criança ou algum acompanhante viam onde caía o dente e ali se abria uma còvinha e o enterravam, para que as galinhas o não viessem a comer.

Em Santa Marta de Penaguião, concelho da Régua, a criança atira o dentinho para cima do forno de costas voltadas, tapando os ouvidos após o arremesso para não ouvir o cair do dente, e diz:

Dente fora

Outro na lora.

Na freguesia de Mondrões, concelho de Vila Real, as crianças atiram o dente para trás das costas e para cima do forno, e dizem:

Dente fora

Cag... na cova.

No concelho de Murça, freguesia de Jou, o dizer é igual ao precedente mas o arremesso, que se faz também para trás das costas, é feito num terreiro, sem qualquer preocupação do local onde o dente vai cair e fica abandonado.

Em Alijó, concelho da província de Trás-os-Montes, o arremesso do dente de leite é precedido do seguinte dizer:

Dente fora
Cag... na cova.
Nasça outro,
Este vai se embora.

À reminiscência de minha mulher, nascida e criada na vila de Moncorvo, devo a informação de que ali o dente de leite era arremessado para trás das costas, cá fora, no terreiro, dizendo apenas

Dente fora
Cag... na cova.

Em Carviçais, freguesia do concelho de Moncorvo, o arremesso do dente faz-se para trás das costas na rua ou algures, sem a menor preocupação de que as galinhas ou outro animal o venham a comer e é acompanhado deste rogo peticionário:

P'ra diante de boto,
P'ra trás te deito.
Queira Deus que me nasça
Outro mais direito.

Em Lagoaça, concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, a criança atira o seu dentinho de leite para trás das costas sem discriminação do local para onde o atira, ao mesmo tempo que dizem:

P'ra trás te deito
P'ra que me nasça
Outro mais direito.

Em Mogadouro, as crianças colocam-se atrás duma porta e atiram para trás das costas o dentinho acabado de cair. Prece-

dem o arremesso dizendo qualquer das duas seguintes fórmulas votivas:

<i>Atiro p'ra trás das costas</i>	<i>Este dente</i>
<i>Com este dente,</i>	<i>São as primeiras mostras.</i>
<i>P'ra que me nasça</i>	<i>P'ra que me nasça outro mais valente</i>
<i>Outro mais valente.</i>	<i>Atiro com ele p'ra trás das costas.</i>

Em Meirinhos, freguesia do concelho de Mogadouro, não me especificaram as condições do arremesso que, no entanto, parece não ter de obedecer a qualquer cuidado a ter com o sítio para onde é atirado. Os termos em que pedem um dente novo, semelhantes aos da fórmula anterior, são estes:

Arranquei um dente.
Deito-o p'ra trás das costas,
P'ra que me nasça
Outro mais valente.

Na Quinta de S. Pedro, pequenina aldeia anexa à freguesia de Meirinhos, o dentinho que cai é atirado para trás das costas em qualquer sítio. A fórmula votiva, muito semelhante à anterior, e à do Mogadouro, é assim:

P'ra trás das costas
Deito este meu dente,
P'ra que me nasça
Outro mais valente.

O colega Dr. João Gonçalves, médico distinto, natural de Salsas, concelho de Bragança, informou-me que ali o dentinho era frequentemente acabado de arrancar com uma linha e a criança dizia:

Dente fora
Outro melhor na cova.

O descaminho do dentinho teria como consequência que o novo dente nascesse deformado; por isso o dentinho era cuidadosamente guardado numa caixinha e posto no *terceiro*, nome com que designam o sótão, ou forro, que fica entre o tecto e o telhado.

Na povoação raiana do Rio de Onor, colhi a prática seguinte: quando o dente de leite abana e incomoda, por via de regra é outro rapaz que, com um «baracinho», acaba de o arrancar.

A criança a quem foi arrancado o dente diz:

Arranco este dente

P'ra que saia outro mais valente.

O outro rapaz já com o dentinho na mão, recomenda-lhe: — Agora fecha os olhos p'ra não veres onde vai ser escondido o teu dente. E mete-o num buraco alto duma parede para que as «pitas» o não possam comer, porque se tal sucedesse nascia um dente de «pita».

Em Vimioso as crianças atiram com o dentinho de leite para trás das costas, as mais das vezes para cima do telhado, e dizem:

Dente vano, dente vano.

Nosso Senhor me deia outro

Bom e sano.

Em Chaves há todo o cuidado em esconder o dente que caiu, pois se qualquer animal o engolir, isso traria como consequência o dente novo vir a ser semelhante aos dentes desse animal.

Na freguesia de S. Lourenço, concelho de Chaves, — informou-me a Sr.^a D. Cândida Gonzalez, que ali passou a sua meni-

nice, recomendam às crianças quando lhe cai um dente de leite, «cuidado, não atires o dente para onde andam galinhas, porque se o comerem nasce-te um dente de galinha».

Na freguesia de Outeiro, concelho de Viana do Castelo, segundo Afonso do Paço (1), «quando cai um dente deita-se no borralho para que as galinhas não o comam, porque se o fizerem não nasce outro».

Em Barcelos, o dente de leite caído é atirado para cima do forno. O arremesso é precedido do seguinte dizer, muito semelhante aos de Matosinhos, atrás indicados:

Dente fora

Cag... na cova.

Venha outro

P'rá casinha nova.

Na freguesia de Areias, concelho de Santo Tirso, e certamente um pouco por todo o concelho, escreveu o Dr. Augusto César Pires de Lima, a pág. 113 dos seus *Estudos etnográficos, filológicos e históricos* (2): «Quando cai algum dente a uma criança e para que nasça outro, vira-se de costas para o forno e atirando-o para cima deste, diz:

1) *Dente fora,*

Outro mais bonito p'rá cova

(1) Afonso do Paço, *Usos e costumes, contos, crenças e medicina popular*, sep. da «Revista Lusitana», vol. XXVIII, Porto, 1930, pág. 12.

(2) Augusto César Pires de Lima, *Estudos etnográficos, filológicos e históricos*, 3.º vol. (Tradições populares de Santo Tirso, Porto, 1948, 566 págs., e muitas figuras sem numeração; ed. da Junta de Província do Douro Litoral.

ou

- 2) *Dente fora,*
C. na cova.

Este C. deve corresponder à tão generalizada, ao menos no Minho e Entre Douro e Minho, referência ao troço cilindro-cónico de fezes moldadas.

Em S. Simão de Novais, concelho de Vila Nova de Famalicão, Fernando C. Pires de Lima, na pág. 5 do seu trabalho *A prática mágica do arremesso do dente* cit. diz que «é uso muito antigo arremessar o dente, voltado de costas para o forno, exclamando:

Dente fora
Outro na cova.

Dizer que, acentua Fernando C. Pires de Lima, é muito semelhante ao que publicou Teófilo Braga em *O Povo português nos seus costumes, crenças e tradições*, Lisboa, 1885, onde se lê: «se a criança muda de dentes, o que cai atira-se para trás do forno, dizendo:

Dente fora
Outro já na cova.

À amabilidade do colega Doutor Luís de Pina, Professor distinto das Faculdades de Medicina e de Letras da Universidade do Porto, cultor apaixonado do muito saber do nosso povo, devo as fórmulas por ele colhidas, uma em Guimarães, que reproduzo a seguir, e a outra em Alijó, já atrás indicada. Em Guimarães dizem indistintamente:

Dente fora
Cag... na cova.

ou mais asseadamente outra, igual à de S. Simão de Novais (Santo Tirso) e semelhante às de Vila da Feira e Espinho referidas adiante. A fórmula asseada colhida em Guimarães Pelo Prof. Luís de Pina é a seguinte:

Dente fora
Outro na cova.

Nas Caxinas, concelho de Vila do Conde, os filhos dos pescadores atiram o dente recém-caído para cima do telhado e dizem:

Dente de fora
Cag... na cova.
Venha um
P'rá casinha nova.

Nas Caxinas, no Alto do Bem Guiado, informaram-me que os filhos dos lavradores atiram o dente não para o telhado mas para cima do forno, precedendo o arremesso da fórmula que difere da anterior apenas na substituição de «um» por «outro», e que é a seguinte:

Dente de fora
Cag... na cova.
Venha outro
P'rá casinha nova.

Em Labruge, freguesia do concelho de Vila do Conde, atiram o dente de leite para a borralheira dizendo:

Dente fora, dente fora,
Cag... na cova.
Venha outro
Com Deus embora.

Em Santiago de Lobão, freguesia do concelho de Vila da Feira, pessoa dali natural informou-me que, «quando garotito,

atirou os dentes de leite para algures, mas sempre p'ra trás das costas», e dizia :

Dente fora

E outro melhor na cova.

Pessoa amiga, natural de Estarreja, diz-me que quando lhe caía um dente de leite o arremessava para trás das costas, dizendo :

Dente fora

Cag. . . na cova.

Em Pardilhó, freguesia do concelho de Avanca, a criança a quem cair um dente de leite tem que o ir deitar na *cova da vaca*, dizendo simplesmente :

Dente fora

Cag. . . na cova.

A *cova da vaca* é a pègada deixada pelas patas das vacas ou dos bois no terreno mole e humedecido. As crianças, por via de regra, procuram uma pègada funda para depois taparem o dente com a terra dos lados.

É curioso que pelo nome de *cova da vaca* se entende não só as pègadas das vacas e dos bois, mas também as dos burros.

Na Atalaia, concelho de Pinhel, Monteiro do Amaral (1) recolheu a seguinte prática. Quando uma criança arranca um dente é necessário dizer :

Meu dente podricão

Boto-te p'ra trás das costas

P'ra que me nasça outro são.

(1) Carlos A. Monteiro do Amaral, *Tradições populares de Atalaia*, in «Revista Lusitana», vol. XII, Lisboa, 1909, pág. 290.

Em Espinho, o Assistente da Faculdade de Ciências do Porto Lic. Osvaldo Freire, averiguou que o arremesso é feito para trás das costas e que o antecedem com qualquer das duas variantes seguintes:

<i>Um fora</i>	<i>Dente fora</i>
<i>Outro dentro.</i>	<i>E um melhor na cova.</i>

ou ainda est'outra, talvez menos corrente:

Que vá o velho
E que venha o novo.

O mesmo dedicado colaborador, Lic. Osvaldo Freire, averiguou que na freguesia de Bustelo, concelho de Oliveira de Aze-
méis, as crianças atiram os dentes da primeira dentição para trás das costas, dizendo:

Dente fora
Outro melhor na cova.

Na freguesia de Aradas (Vilar), concelho de Aveiro, informou-me o velho amigo capitão Lourenço Duarte, o dentinho de leite era atirado para trás das costas, antecedendo o arremesso por qualquer das duas seguintes fórmulas votivas, de preferência a segunda por mais asseada.

<i>Dente fora</i>	
<i>Cag... na cova.</i>	<i>Dente fora,</i>
<i>Venha outro</i>	<i>Dente fora.</i>
<i>P'rá casa nova.</i>	<i>Outro melhor na cova.</i>

O Dr. Barbosa Soeiro (1), que foi distinto Professor de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, publicou os ritos

(1) Barbosa Soeiro, *À propos du jet de la dent*, in «Revue Anthropologique», XL^e Année, Paris, 1930, pág. 400. Este estudo foi publicado também em

inerentes ao arremesso dos dentes de leite em Lisboa e no Alentejo.

Em Lisboa, como escreveu o Prof. Barbosa Soeiro, o arremesso é feito para cima do telhado e a tradição quer que a criança diga por três vezes:

*Telhadinho, telhadão,
Tomai este dente podre
E dai-me um são.*

No Alentejo, como se lê no referido trabalho do mesmo Professor, as crianças atiram o dentinho caído também para cima do telhado, dizendo:

*Moirão, moirão,
Toma o meu dente podre
E dá-me um são.*

Esta mesma fórmula com ligeiras variantes foi publicada em 1903 por Soeiro de Brito (1) no seu trabalho *Demosophia* do qual a seguir a transcrevo:

*«Mourão, mourão
Toma lá o meu dente podre
Dá-me cá o meu são.»*

Soeiro de Brito explica: isto «dizem as crianças quando lhes cai algum dente de leite, devendo atirá-lo para um telhado para lhe nascer outro».

português, *A propósito do arremesso do dente*, in «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. XIV, 1930-1933, Lisboa, 1933, págs. 17 e 18.

(1) Soeiro de Brito, *Demosophia* (colecção Silva Vieira), Esposende, 1903, pág. 74.

Em Vale de Lobo e Idanha-a-Nova, o Dr. Jaime Lopes Dias (1), a pág. 139, vol. I da *Etnografia da Beira* informa: «Para que os dentes nasçam bem diz-se ao arrancar algum:

Pelheirinha (2), *pelheirão*,
Toma lá este dente podre
E dá cá um são.

E atira-se o dente para a cinza». Parece que esta *Pelheirinha* deve ter aqui o significado do recanto onde se amontoam as cinzas e não o de vão aberto na parede.

Em Castelo Branco, informa o mesmo autor, e no mesmo volume, pág. 160, «também se diz:

Cinza, cinzão,
Toma lá este dente podre
E dá cá um são.»

Na Aldeia da Mata, freguesia do concelho do Crato (Alto Alentejo), o Assistente Ext. da Faculdade de Ciências do Porto e

(1) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. 1, Vila Nova de Famalicão, 1926, 176 págs.

(2) O Dr. Fernando de Castro Pires de Lima, no seu trabalho recente, *A prática mágica do arremesso do dente*, in «Revista de Etnografia», vol. III, tomo 1, Julho de 1964, Porto, 1964, págs. 5 a 20, na pág. 9, transcrevendo Jaime Lopes Dias, escreveu *Palheirinho, palheirão*. O certo é que na *Etnografia da Beira* se lê *Pelheirinha, pelheirão*.

Deve tratar-se duma referência à *pelheira* ou *pilheira*. Em Trás-os-Montes, ao menos no leste trasmontano, são frequentes as *pilheiras*, vãos, maiores ou menores, abertos nas paredes das cozinhas, muitas vezes perto da lareira, onde se guardam ou se empilham várias coisas.

Pilheira noutras regiões designa um recanto junto ao lar onde se amontoam as cinzas.

Naturalista do Museu de Antropologia «Dr. Mendes Correia», Dr. Agostinho Isidoro deu-me dali a seguinte informação:

«Os antigos quando atiravam para o lume o dente de leite, costumavam dizer:

*Cinzão, cinzão,
Pega no meu dente podre,
Para me dares um são.*

Joaquim Roque, no seu trabalho *Rezas e benzeduras populares*, Beja, 1946 (1), registou esta variante alentejana:

*Cinzerão, cinzerão,
Toma lá um dente podre
Deixa-me cá ver um são.*

O Sr. Joaquim Capela, meu aluno do curso de Sociologia, informou que na aldeia de Tripeiro, concelho de Castelo Branco, dizem:

*Dentinho, dentão,
Toma lá (ou Aqui vai) um dente podre,
E dá cá um são.*

Em Elvas, segundo Leite de Vasconcelos, in *Opúsculos*, vol. V, cit. as crianças dizem:

*Trigueirão, trigueirão,
Toma lá mê dente podre
E dá cá o mê são.*

(1) Apud Fernando de Castro Pires de Lima, *A prática mágica do arremesso do dente*, cit., pág. 9.

Já em 1882, este mesmo ilustre Mestre de Etnografia portuguesa, a pág. 604 do seu livro *Tradições populares de Portugal* cit., referiu a fórmula anterior que, diz, «parece um pouco desviada do sentido original». Antes desta, dá a seguinte, que considera «um pouco apagada»:

*Telhado, telhado,
Toma lá o mê dente podre
Deita cá o tê doirado.*

Não apreendo qual o significado atribuído pelo Prof. Leite de Vasconcelos àquele «desviada da sentido original».

No Algarve, informa Leite de Vasconcelos no mesmo volume dos *Opúsculos*, a criança atira o dente para trás das costas ou para o telhado e diz:

*Moirão, moirão,
Pega lá o mê dente podre
Dá cá o mê são.*

À amabilidade da Sr.^a D. Amélia Santana Duarte, natural de Lagos, devo a informação referente à prática infantil do arremesso do dente naquela cidade algarvia.

O dente era arremessado para trás das costas e antes de o atirarem diziam:

*Cão, cão,
Toma lá o meu dente podre
E dá cá um são.*

Ainda mais um informe, e este referente aos Açores.

A Sr.^a D. Maria Manuela Bettencourt Silva, que foi minha aluna, e distinta, na cadeira de Antropologia, informou-me que na ilha Terceira, de onde é natural, quando em pequena lhe caiu o primeiro dente de leite lhe foi recomendado que o guardasse,

o que fez metendo-o numa caixinha e guardando-o numa gaveta. Mas foi só com o primeiro dente caído que tal cuidado observou para que o dentinho se não perdesse.

*

* *

É tão generalizado o arremesso dos dentes de leite no nosso país, que não será ousado afirmar que este costume se pratica de norte a sul de Portugal em quase todas as terras, especialmente nas aldeias.

Tal costume é também frequente na maior parte dos países europeus e aparece igualmente no Egipto e no Brasil. Para este deve ter sido levado e ali radicado pelos imigrantes europeus, nomeadamente pelos portugueses.

Nesta velha prática imbuída de manifesto sentido mágico, podemos considerar pelo menos quatro elementos fundamentais que a estruturam, e são: o arremesso, o modo como ele é feito, o local para onde se atira o dente e os dizeres ou fórmula votiva que precede o arremesso.

Pela variação de algum ou alguns destes elementos se constituem, como vimos, as várias modalidades regionais.

Sem dúvida que o elemento fundamental é o *arremesso* que, nas práticas de que tivemos conhecimento, é quase sempre feito para trás das costas. Naquelas em que nada se diga este respeito, é de presumir que seja também para trás das costas que as crianças atiram o dentinho de leite acabado de cair.

O *arremesso* em si mesmo, isto é, o simples acto de arremessar, é um gesto a que se pode atribuir significado criador.

Isto foi posto em justo realce por André Schillings (1), por Saintyves (2) e por de Vries (3). Este último autor, sem negar o significado simbólico do simples arremesso, realça, justamente, o facto de ter significação especial o arremesso para trás das costas.

Ainda sobre o arremesso, Leite de Vasconcelos publicou no vol. VII dos *Opúsculos* um capítulo intitulado *Arremessos simbólicos na poesia popular* (4). Leite de Vasconcelos cita Henri Gaidoz, em cujo trabalho *La réquisition d'amour et le symbolisme de la pomme*, publicado no «Anuário da Escola Prática de Estudos Superiores de Paris», 1901, pág. 5 e seguintes, este autor, professor de céltico na referida escola, considera o arremesso dum maçã que uma fada atira ao príncipe Condla, — lenda contida num manuscrito irlandês do séc. XI, o *Lebar na h-Uidhre* — como sinal e mensagem de amor. Segundo Gaidoz o arremesso dum fruto entre os quais a maçã ocupa um lugar de marcado realce, constituía «une façon d'attirer l'attention et de se faire remarquer» arremesso que, com o tempo, se tornou simbólico.

Leite de Vasconcelos publica uma série de quadras alusivas ao arremesso de limões, laranjas, azeitonas, maçãs, flores e até, pedrinhas, arremesso feito com finalidade amorosa (5).

(1) André Schillings, *À propos d'une coutume enfantine*, in «Revue Anthropologique», XXXIX^e Année, Paris, 1929, pág. 406.

(2) P. Saintyves, *La valeur du jet magique comme rite de fécondité*, (À propos de la note de M. André Schillings), in id., id., id., págs. 407-411.

(3) J. de Vries, *Le jet de la dent*, in «Revue Anthropologique», XL^e Année, Paris, 1930, págs. 87 a 89.

(4) Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, vol. VII, Etnologia (Parte II), Imprensa Nacional de Lisboa, 1938, págs. 928 a 941.

(5) Das 44 poesias publicadas por Leite de Vasconcelos transcreverei apenas uma, a n.º 21, pág. 935 dos *Opúsculos*, vol. VII, que é a seguinte:

Verifica-se pois que o simples arremesso pode ter, e tem, significados simbólicos diversos.

Mas, no caso do dente de leite o *arremesso* é feito quase sempre, e talvez sempre, *para trás das costas*.

Muitas práticas populares têm como carácter fundamental o arremesso feito para trás das costas.

Umaz vezes tendo como finalidade esquecer qualquer coisa, outras vezes aniquilar um enguiço ou destruir um malefício, outras vezes ainda propiciar ou conseguir um benefício.

Vejamos um exemplo, e muito interessante, publicado por Barbosa Soeiro no seu trabalho referido *A propósito do arremesso do dente*, pág. 18 do vol. XIV do «Arquivo de Anatomia e Antropologia».

«Diz-se que é de mau agouro entornar tinta. Para desfazer o enguiço, quem entornar um tinteiro deve colocar-se de costas para uma janela aberta e atirar a água dum copo por cima do ombro esquerdo.»

Barbosa Soeiro refere, e traduz, o rito publicado por de Vries no seu trabalho citado *Le jet de la dent* publicado a pág. 88 do

*Dèitei o limão correndo,
À tua porta parou:
Olha a graça do limão...
Parece que adivinhou!*

Em Trás-os-Montes (Moncorvo) colhi a quadra que segue semelhante à anterior, quer na letra quer no sentido.

*Atirei co' o limão verde.
À tua porta parou.
O amor que t'eu tenho
O limão o demonstrou.*

referido volume da «Revue Anthropologique», e que transcrevo do original:

«Souvent, dans les pays germaniques et finno-ougriennes, le laboureur commence les semailles en jetant quelques grains de blé en arrière, par-dessus l'épaule gauche; c'est un sacrifice aux mânes pour assurer la fécondité et prévenir les malheurs. Les esprits des morts, demeurant sous la terre, sont, suivant une notion très répandue, les génies bienfaisants de la terre nourricière.»

O ilustre professor da Universidade de Leyde, de Vries, na mesma pág. 88 do seu trabalho, cita um outro rito praticado na Estónia que transcrevo:

«Un exemple curieux est fourni par la coutume suivant des Esthoniens: quand les esprits des morts ont envoyé une maladie il faut promener trois fois des grains de sel autour de la partie malade, mais bien entendu dans le sens opposé au cours du soleil; enfin il faut cracher dans le sel et le jeter par-dessus l'épaule gauche dans trois foyers.»

Saintyves, no seu trabalho citado, *La valeur du jet magique comme rite de fécondité*, a pág. 411, transcrevendo um seu outro trabalho *La guérison des verrues*, 1913, escreve:

«On se débarrasse de ses *noevi* en mettant dans un sac autant de pierres que l'on a de verrues, et en jetant ce sac derrière soi sans regarder.»

Prática não menos interessante é aquela que há anos recolhi em Moncorvo, e que consiste no seguinte: os rapazes quando vão tomar banho ao rio, depois de despidos, em *coirachos* como lá dizem, antes de se atirarem à água apanham pedras e atiram-nas para trás das costas.

Procurei averiguar a finalidade de tal arremesso.

«Para não apanhar as sezões» foi a resposta.

Outra prática por mim registada há bastantes anos refere-se a Barroselas, freguesia do concelho de Viana do Castelo. Ali os rapazes quando acabam de tomar banho, de pé, na margem, ati-

ram pedras por cima do ombro esquerdo e, acto contínuo, tapam os ouvidos para não ouvirem cair a pedra na água. Ao mesmo tempo baloçam a cabeça repetidas vezes e com energia, ora pr'á direita ora p'rá esquerda, movimentos que, dizem, têm por fim expulsar a água dos ouvidos.

Este arremesso das pedras atiradas ao rio para trás das costas e por cima do ombro esquerdo, parece ter perdido o seu simbolismo, porquanto não consegui apurar que lhe atribuam qualquer significado especial. O certo porém é que nunca deixavam de o fazer, cada vez que iam tomar banho ao rio.

O que sucede neste caso sucede com muitos outros usos e costumes que entraram na prática corrente, e que o povo realiza sem lhe conhecer a origem, e, muitas vezes, o significado.

São actos que o povo executa sem discussão nem reflexão, pelo menos aparente, mas que se realizam pela força do hábito, do exemplo, do «sempre assim se fez». É a voz forte da tradição a imperar. Cumpre ao etnógrafo a tarefa, por vezes bem difícil, de lhe descobrir a origem e a significação.

É bem conhecido o significado supersticioso que o povo atribui aos diferentes lados, direito, esquerdo, adiante e atrás (1).

(1) No capítulo «Etnografia — Cultura espiritual», págs. 255 a 777 do vol. I da *História da Galiza*, obra monumental dirigida pelo eminente Professor Ramon Otero Pedrayo, vol. de 777 págs. publicado pela Editoria Nós, Buenos Aires, 1962, o grande etnógrafo galego Vicente Risco, ao tratar da Ornitomância, ou seja da adivinhação por intermédio das aves, diz que o povo da Galiza quando ouve grasnar um corvo do lado direito considera tal facto como sinal de bom agoiro. Pelo contrário se grasna do lado esquerdo coisa ruim vai suceder.

Em Trás-os-Montes, na freguesia de Caçarelhos, concelho de Vimioso, colhi a seguinte superstição ornitomântica:

«— Quando vem a cegonha, a primeira vez que a gente a vê, se for do lado direito é boa sorte, se for do lado esquerdo, vai ser-se mal afortunado.»

O P.^e Francisco Manuel Alves, ilustre Abade de Baçal, na pág. 22 do vol. XI das suas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*,

O lado direito é o lado bom, o lado da força, da habilidade dextra.

O lado esquerdo é o lado mau, o lado fraco, canhestro ou canhoto.

Adiante está o futuro, o dia que nasce com sol radioso, a vida a viver.

Atrás está o passado, a noite escura dos espíritos, a morte, o não ser.

Muitas práticas têm, como vimos, o elemento fundamental e simbólico do arremesso para trás das costas.

O facto de se atirar o dentinho de leite para trás das costas valoriza o acto do arremesso com mais um especial atributo de magia.

É que o *arremesso para trás das costas*, como acentuou de Vries na pág. 88 do seu trabalho citado, pode interpretar-se como um sacrifício aos espíritos dos mortos, não só para neutralizar a sua possível malignidade, mas também para conquistar a sua também possível e ampla benignidade. É crença que esses espí-

Porto, 1948, 804 págs., diz: «Vergílio (Bucólica, 1) aponta como mau agouro o carvalho ser ferido pelo raio perto de nós, e também o ouvir cantar a gralha num azinheiro à nossa esquerda.

*Saepe malum hoc nobis, si mons non laeva fuisset
De coelo tactos memini praedicere quercus;
Saepe sinistra cava praedixit ab ilice carnix.»*

E na pág. 23: «Cícero também dá como mau agouro o grasnar da gralha à esquerda e o crocitar do corvo à direita» (Cícero, *De Divinatione*, liv. 1).

Na pág. 31 do mesmo volume, o Abade de Baçal, cita outra crendice transmontana, que considera mau presságio, «Encontrar no caminho, à esquerda, certo número de pégas ou de outras aves.

É bem conhecida a crendice supersticiosa, para bem ou para mal, inerente ao dar o primeiro passo com o pé direito ou esquerdo quando se entra em casa, ou algures.

ritos estão na posse do segredo da vida e que têm a virtude mágica de a fazer renascer.

Com tal poder, que a superstição lhes atribui, é lógico acreditar que possam regular, orientar e dirigir o nascer e o crescer do novo dente, que há-de vir a substituir o dente caído.

Quanto à origem do rito mágico do arremesso do dente de leite para trás das costas as opiniões têm girado à volta da lenda do repovoamento da terra por Deucalião e Pirra.

Foi o holandês André Schillings, no seu trabalho citado *A propos d'une coutume enfantine*, o primeiro a pôr tal hipótese, e fê-lo nestes termos: «J'ai cherché en vain l'origine de cette coutume, . . . J'ai pensé tout d'abord à un caprice d'enfant; puis j'ai relu les auteurs latins connus chez les germains et je me suis arrêté enfin, dans Ovide, à l'histoire de Deucalion et Pyrrha, que je rappelle ici: Eux seules restent sur la Terre, les eaux du déluge se sont retirées; ils pleurent et se lamentent lorsque la déesse Thémis leur conseille:

*Discedite templo
et velate caput, cinctasque resolvite vestes
ossaque post tergum magnae jactate parentis.*

«Jetez les os de votre grand-mère derrière vous.» Deucalion comprend: «*Magna parens* est la terre; les pierres qui s'y trouvent sont ses os.» Ils obéissent, et la terre se repeuple.

«Je crois voir ici l'origine de la coutume de mon pays natal. C'est la rénovation par le jet.»

Saintyves (1) alude à hipótese de Schillings sem a discutir.

(1) M. P. Saintyves, *La valeur du jet magique comme rite de fécondité*, cit., pág. 411.

O compatriota de Schillings, Prof. de Vries (1), refere-se ao mito das pedras de Deucalião, e dos dentes de dragão de Cadmus.

Dá a conhecer uma lenda dos Caraíbas nos seguintes termos: «Les Caraïbes racontent qu'il y a eu un déluge où seuls un homme et une femme furent sauvés; ceux-ci jetèrent en arrière par-dessus leur tête, les fruits d'un certain palmier, qui se changèrent immédiatement en hommes.»

Este autor não hesita em escrever: «Le mythe de Deucalion et de Pyrrha n'est donc pas la source de cette coutume (le jet de la dent) bien générale.»

Termina por realçar o indubitável parentesco entre o mito de Deucalião e o arremesso mágico dos dentes de leite e afirma: «tous les deux sont basés sur la même croyance primitive.»

O Dr. Fernando de Castro Pires de Lima (2) num seu trabalho recente passa em revista os referidos autores, Schillings, Saintyves e de Vries, transcreve as excelentes versões que de Ovídio para português fez António Feliciano de Castilho, realçando, em justa apreciação, que este «nosso grande escritor tinha feito uma obra admirável de seriedade e de felicidade».

Fernando C. Pires de Lima não toma posição quanto à filiação do rito mágico do arremesso do dente no mito de Deucalião.

Em meu parecer é justa a opinião do Prof. de Vries.

O arremesso mágico do dente de leite não se filia no mito de Deucalião.

A prática infantil de arremessar o dentinho de leite para trás das costas deve ter origem muito mais remota, origem que tudo leva a crer tenha sido a mesma para a lenda do repovoamento da terra por Deucalião e Pirra, para a referida lenda dos caraí-

(1) M. J. de Vries, *La jet de la dent*, cit. pág. 89.

(2) Fernando de Castro Pires de Lima, *A prática mágica do arremesso do dente*, cit.

bas e para o, aparentemente singelo, arremesso do dente de leite para trás das costas.

Como dissemos no início deste trabalho, para as gentes de épocas longínquas, que não conheciam as gemas dentárias originadoras dos dentes definitivos, o nascimento destes constituiria um fenómeno estranho, que, ao seu espírito, facilmente se apresentaria como resultante de forças dotadas de singular poder de magia. Daí o arremesso, que, como vimos, tem um significado ou acção procriadora, e é feito para trás das costas, para o mundo dos espíritos, conseguindo deste modo, que os espíritos, com o seu extraordinário e, por assim dizer, ilimitado poder mágico, condicionem a perfeita génese do novo dente.

Vejamos agora alguma coisa sobre os locais para onde se atira o dentinho caído.

Este aspecto está, em primeiro lugar, condicionado por circunstâncias de ordem ecológica.

Vimos que no Minho e no Entre Douro e Minho o dentinho é arremessado para cima ou para trás do forno (1), e que noutras províncias o dente é atirado para cima do telhado, para a borralheira ou cinzeiro, para trás da porta, ou simplesmente para a terra.

(1) Fernando C. Pires de Lima, no seu trabalho *A prática mágica do arremesso do dente*, cit., a pág. 5 diz que é velho costume do nosso país «os primeiros dentes que caem ou se arranquem, serem lançados para cima do telhado, para o forno ou para o lume».

Não tenho conhecimento de que o dente seja atirado para o forno isto, é, para dentro do forno. Seria interessante averiguar qual a região onde o dentinho é atirado para o forno.

As práticas de que tive conhecimento directo ou indirecto respeitantes ao forno, especificam sempre que o dente de leite é atirado para cima ou para trás do forno.

A razão desta diferença é simples. É que no Minho e no Entre Douro e Minho o forno de cozer o pão aparece em quase todas as cozinhas, implantado a um canto da mesma, ao lado da lareira. Às vezes até com 2 fornos, um maior e outro mais pequeno.

Em muitas aldeias do leste trasmontano, e doutras regiões, há o forno comunitário, onde todos vão cozer à vez.

É certo que o dentinho caído poderia ser guardado e a criança levada à casa do forno e, uma vez ali, atirá-lo para a cobertura do forno. Mas neste caso, o forno, fica à desamão. O telhado ou a borralheira estão por assim dizer à mão de semear, e é para onde, sem grande incómodo, se atira o dente.

O condicionalismo ecológico surge flagrante por exemplo nas práticas que colhi nas Caxinas, concelho de Vila do Conde. As crianças filhas dos pescadores atiram o dente para cima do telhado, as dos lavradores para cima do forno. É que as mulheres dos pescadores vivem ou, melhor, viviam tão intensamente a vida da pesca, na feitura e conserto das redes, no encasque das mesmas e noutros muitos serviços como no alar e no botar do barco ao mar, que não lhes sobejava tempo para cozerem o pão. Comiam pão comprado na loja.

Nas cozinhas dos lavradores das Caxinas (Alto do Bem Guiado) lá está o forno, a oferecer a sua cobertura para receber o dente para ali arremessado, e, portanto, livre de ser comido pelas galinhas, pelos porcos ou outros animais, o que a tal suceder, como vimos atrás, acarretaria desagradáveis consequências.

Nas cozinhas onde há forno há muitas vezes cinzeiro, para onde se vão deitando as cinzas ou borralha.

Sabendo-se que em muitas regiões o dentinho de leite é atirado para a borralheira ou cinzeiro, pode perguntar-se; qual a razão porque é preferido atirar o dente para cima do forno, nas cozinhas onde há também cinzeiro?

Procurando explicar a razão desta preferência pode talvez evocar-se um significado simbólico para o forno. No forno se coze o pão, o «pãosinho do Senhor», base da alimentação do povo das aldeias, logo o pão é a base da vida. Por transposição, ao forno se pode atribuir o significado simbólico de mantenedor da vida. Da vida que cada um de nós vive, crescendo, aguentando os trabalhos e fadigas da labuta diária, regenerando as forças gastas, recuperando energias pelo descanso e pela alimentação, na qual o pão tem importância basilar.

Ao forno pode atribuir-se o significado de fonte da vida, e, assim, o dentinho de leite arremessado para cima dele, procura desencadear e condicionar o poder mágico que há-de fazer crescer o novo dente, forte, belo e perfeito.

Em muitas regiões é para o telhado que o dentinho de leite é arremessado.

O Prof. Barbosa Soeiro (1) procura explicar a escolha do telhado no rito mágico do arremesso do dente, dizendo «que na metafísica infantil, os telhados são regiões misteriosas onde habitam fantasmas durante a noite e por onde as bruxas passam quando vão reunir-se». Em nota de fundo de página acrescenta: «Fala-se de assembleias de bruxos e bruxas nas encruzilhadas, todas as sexta-feiras à meia noite».

«As crianças lançam o seu dente para as regiões do desconhecido pedindo em troca a dádiva dum outro que seja são. Os telhados constituem para as crianças, um símbolo do mistério.

«As superstições são um pouco ritos de antigas religiões».

Para cima do telhado julga o povo que, à noite, vêm os espíritos maus, os *medos*, o *pesadelo*, o *papão*, a *côca* e outras entidades sobrenaturais mais ou menos confusas.

(1) Barbosa Soeiro, *A propósito do arremesso do dente*, cit., pág. 18.

No meu trabalho *As telhas do teu telhado* (1) publiquei 61 quadras alusivas às telhas e entre elas 9 que se referem ao *papão*, ao *papão negro*, à *côca*, ao *medo*, ao *bicho papão* e ao *rô-rô*. Transcrevo seis, por as outras três serem variantes que, no caso presente, não interessa dar a conhecer.

Vai-te daí ó Papão
De cima desse telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado.

(Fozcoa)

Vai-te embora Papão Negro
Para cima do telhado,
Deixa dormir meu menino
Um sono descansado.

(Óbidos)

Vai-te Côca, vai-te Côca
Para cima do telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado (2).

Vai-te embora, vai-te Medo
De cima desse telhado,
Deixar dormir o menino
Um soninho descansado.

(Valpaços)

O feio Bicho Papão
Está em riba do telhado,
Para ver o meu menino
Se está no berço deitado.

(Arquip. da Madeira)

O Rô-Rô foi ao Papão
Por cima do meu telhado,
Deixou o menino a dormir
O soninho descansado.

(Póvoa de Varzim)

Outra quadra, bastante difundida no nosso povo em várias modalidades, exprime, de modo flagrante, a acção curativa por

(1) Santos Júnior, *As telhas do teu telhado*, in «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos», VI, Seición Folklore, Santiago de Compostela, 1933, 20 págs.

(2) Esta quadra colhi-a no trabalho do Prof. Leite de Vasconcelos, *Cancções do berço*, in «Revista Lusitana», vol. X, Lisboa, 1907, onde figura sem indicação de localidade.

simples observação das telhas do telhado, podíamos dizer que se trata duma maravilhosa acção catalítica.

A quadra é assim:

*As telhas do teu telhado
O mais delas tem virtude:
Passei por elas doente,
Logo me deram saúde.*

Como se vê o telhado, símbolo do abrigo, da casa onde o homem passa metade da vida, goza na crença popular de vários atributos. As telhas entram num certo número de remédios populares.

O arremesso do dente de leite para cima do telhado pode interpretar-se como a simples entrega do dentinho a qualquer das entidades misteriosas, côca, medo, papão ou rô-rô que, dele tomando conta, evitam que seja comido pelas galinhas, porcos ou outros animais. No entanto e afigura-se-me, talvez mais justamente, que se procure conquistar o poder misterioso dessas entidades para que o novo dente nasça são, robusto e perfeito.

A lareira, e por extensão o cinzeiro, são lugares sagrados da casa onde os espíritos dos antepassados estão presentes. É assim é que, como escreveu de Vries na pág. 88 do seu trabalho citado, «jeter la dent dans le foyer, c'est sans doute en faire un sacrifice aux mânes».

A *cova da vaca*, pègada aonde, na região de Pardilhó, se vai enterrar o dente de leite, pode, além do simples facto de esconder o dente na terra-mãe, criadora de todas as coisas, talvez considerar-se como reminiscência do culto que em tempos remotos foi prestado às vacas e aos touros.

Estes animais tiveram para os lusitanos, nossos antecessores, um importante significado religioso. O mesmo se pode dizer neste particular de outros povos da antiguidade.

Resta apreciar os dizeres ou fórmulas peticionárias que acompanham ou, melhor, antecedem o arremesso do dente de leite.

Neste particular a tarefa apresenta certas dificuldades que procuramos vencer restringindo a análise aos tópicos considerados capitais.

Assim é muito frequente, podíamos dizer quase geral, a referência à *cova* onde virá nascer o novo dente, que em esquema se pode sintetizar assim:

Dente fora

Outro na cova.

Na prática colhida em Santa Marta de Penaguião, concelho da Régua, *cova* figura com o sinónimo *lora*, que por sua vez deve ser corrupção ou variante de *lura*.

Em três casos, em associação com a referência à *cova*, juntam *casinha nova*.

Um outro aspecto, e particularmente impressionante, é o emprego de palavra *cag...*, troço de fezes moldadas que figura em muitos dizeres que precedem o arremesso do dente.

Como atrás se disse, esta palavra sem ser propriamente considerada palavra obscena é, no entanto, tida como palavra feia.

Ora no rito do arremesso do dente, tal palavra, considerada como soez quando empregada na linguagem corrente, é pronun-

ciada pelas crianças no acto do arremesso do dente com a maior sem-cerimónia.

É que em certas circunstâncias podem pôr-se de parte preconceitos de linguagem que, normalmente, não permitem pronunciar certas palavras. Isto sucede não só na prática mágica do arremesso do dente mas também nas eiras durante a malha do centeio na Cardenha, freguesia do concelho de Moncorvo.

Além disso pode pôr-se a hipótese de que a palavra que exprime o troço cilindro-cónico de fezes moldadas, por uma aplicação do princípio bem conhecido da magia de simpatia — o semelhante tem acção sobre o semelhante — teria acção mágica sobre o futuro dente.

Mas não é tudo. É de crer que ao espírito supersticioso e inculto do povo, e ainda por uma simples associação de ideias, o troço de fezes moldadas desempenharia papel impulsionador do crescimento dentário.

O dente novo no processo germinativo de crescimento gradual assemelha o germinar das sementes e o crescer das plantas. É assim como para estas as fezes lançadas à terra nos estrumes impulsionam o crescimento vegetal, o espírito supersticioso do povo procurou, por um processo de magia de simpatia, evocar a mesma acção impulsionadora do crescimento do novo dente na referência verbal ao troço de fezes moldadas, que é também cilindro-cónico como a cova do dente.

Registe-se que este conceito aparece reforçado na prática colhida em Travanca (Amarante) na qual, conjuntamente ao troço de fezes moldadas, se acrescenta e «m. de cão na buraca». O mesmo conceito impulsionador do crescimento aparece também nas práticas das freguesias de Aboadela e Sanche, ambas do concelho de Amarante, nas quais, como atrás se referiu, para ser mais certo o aparecimento do novo dente se aplicava um pouco de excremento de galinha no local da caída do dente de leite.

Em algumas práticas do arremesso do dente a criança dirige-se ao *moirão*, *moirão*, a quem atira o dente podre e pede um são.

Registe-se desde já que estas práticas só são conhecidas do Alentejo e do Algarve.

Para o Prof. Barbosa Soeiro *moirão* ou *mourão* é o mesmo que «grande mouro». Sabendo-se que os mouros viveram muito tempo no Alentejo e no Algarve, e que «as tradições populares estão cheias de historietas interessantes e ingénuas de mouras encantadas», este ilustre Professor conclui: «É natural que as crianças vejam num mouro a personificação do mistério».

É uma hipótese plausível.

Para Leite de Vasconcelos *moirão* é o nome dum miriápode, e assim como o povo imagina que muitas doenças são produzidas por bichos, para este grande etnógrafo as crianças no acto do arremesso do dente dirigem-se ao tal miriápode *moirão*.

Esta hipótese afigura-se-me pouco defensável.

Em meu parecer julgo não ser preciso evocar nem o *grande mouro* nem o *bicho miriápode moirão*.

O *moirão* na interpretação de Leite de Vasconcelos é, digamos, um mito zoológico. Este ilustre Professor e eminente etnógrafo in *Opúsculos*, V, Etnologia (Parte I), Impr. Nac. de Lisboa, 1938, no capítulo «Uma superstição com os dentes», pág. 603 e segs., faz eruditas considerações sobre o possível significado mítico de *moirão*.

Diz que as pessoas da região algarvia onde colheu a fórmula votiva do *Moirão*, *moirão*, *pega lá o mê dente podre e dá cá o mê são*, não sabiam a significação de *moirão*. A seguir diz que, como esta palavra é o nome dum miriápode, julga ter lugar a aproximação com o que W. Stokes publicou na «*Rev. Celtique*», V, 391-2, que transcreve, e é o seguinte:

*Weevil, dark as lamp-black, eating, two and thirty teeth,
By the blessing of Shekh Farid, black weevil in the midst will die.
By the order of the Teacher Saint, one, two three, four, five, six, seven.
Foh! Foh! Foh!*

Em nota de fundo da página diz que «Foh! Foh! Foh! represent three puffs with the breath to dry out the weevil».

Informa Leite de Vasconcelos que esta fórmula contra a dor de dentes (tooth-ache) é traduzida do *Indian Antiquary*, Fev. 1882, e que o Sr. W. Stokes a comenta assim: «This mantra — say the collectors — turns on the superstition that tooth ache is caused by a weevil that will produce powder in wood... The object of this charm is to kill the weevil by invoking Shekh Farid a celebrated saint of the Sûfî or freethinking sect of Muhammadans».

Acrescenta que W. Stokes faz a comparação com a seguinte fórmula traduzida do médio irlandês:

*May the thumb of chosen Thomas
in the side of guiltless Christ
heal my teeth without lamentation
from warms and from pangs!*

Stokes cita um passo correlativo de Shakespeare e remete o leitor para trabalhos de Karl Bartsch, A. Kuhn e Th. Dyer.

Se bem que sejam muito interessantes estas considerações e aproximações julgo mais plausível a interpretação que damos a seguir.

Moirão ou *mourão* é palavra corrente em Trás-os-Montes, onde tantas vezes a tenho ouvido para referir um estacão forte de pau, de pedra ou de ferro, firmemente espetado no chão e que oferece apoio sólido especialmente a forças de tracção.

A Enciclopédia Portuguesa e Brasileira dá para este vocábulo os seguintes significados. «Cada uma das varas grossas que se fixam verticalmente na formação de estacadas. Estaca para empar a videira. Bras. Poste, toro grosso fincado no solo, ao qual se prendem as reses para a ferra, castração ou trato».

Na minha humilde opinião é mais provável que o *moirão* das práticas do arremesso do dente seja sinónimo de estação forte.

É mais uma palavra que se pode, justamente, enquadrar nos ritos de simpatia.

Assim como o *moirão* é um estação forte sòlidamente espetado na terra, assim a criança pede que o dente novo venha sòlidamente implantado no respectivo alvéolo.

Recorde-se a propósito aquilo que escrevemos atrás sobre práticas colhidas no concelho do Mogadouro. Ali as crianças ao atirarem o dente de leite pedem «que lhe nasça outro mais valente», isto é fortemente implantado no alvéolo.

Não encontro explicação para o *Simão*, *Simão* da prática de Vilar de Andorinho.

Aquele *Simão*, *Simão* é-me inteiramente incompreensível.

Porém quanto ao *Trigueirão*, *trigueirão* julgo ter encontrado o justo significado da razão que leva as crianças alentejanas a dirigir a esta ave a sua petição.

Na prática de Elvas em que a criança se dirige ao *Trigueirão*, *trigueirão*, é de crer que se trate de mais um caso de magia de simpatia.

O *trigueirão* ave de família Fringilidae é a *Emberiza calandra* que além do nome vulgar referido tem, conforme as regiões, mais os seguintes: trigueiro, tem-te na raiz, chinchorrio, chirrobia, milheirão e passarinho trigueiro.

Pois bem, esta ave tem um bico relativamente grosso com um grande tubérculo córneo no palatino, tubérculo, que, correntemente, os zoólogos designam «dente palatino».

Trata-se, sem dúvida, de mais um rito de magia de simpatia o facto de a criança entregar ao *trigueirão* o dentinho de leite, pedindo-lhe em troca um novo dente forte e são como o seu dente palatino.

Há ainda que referir algumas fórmulas votivas em que aparecem referências a Deus, à Senhora da Hora, a S. João e a Santo António.

Numa de Labruge, Vila do Conde, diz-se: *Venha outro com Deus embora* (cf. em boa hora). Noutras de Matosinhos, *Venha outro com a Senhora da Hora*, ou *Nasça-me um dente p'rá Senhora da Hora*, ou ainda *Nasça-me um dente em louvor da Senhora da Hora*. Em Vouzela, *Em louvor de S. João toma lá um dente podre dá-me outro são*. Em Vila Meã, *Ó meu Santo Antoninho, pega este dente podre e dá-me outro mais sãozinho*.

As mais das vezes é difícil, sempre que o nome dum santo se encontre relacionado com uma superstição, formular conclusões seguras a respeito dessa relação.

Claro que há o sentido geral dos crentes de que a Deus nada é impossível, e que por intermédio dos santos se pode obter a Graça divina.

Leite de Vasconcelos a págs. 605-606 de *Opúsculos*, V, Etnologia (Parte I); Impr. Nac. de Lisboa, 1938, aborda este assunto. Diz, e bem, que a existência do nome dum santo numa fórmula de superstição pode resultar de várias circunstâncias, cada uma de per si ou combinadas. Essas circunstâncias segundo o eminente Mestre da Etnografia portuguesa, podem ser: analogia do nome do santo com um nome pagão; popularidade do santo; analogia com o objecto de que se trata; analogia entre o objecto e alguma particularidade ligada ao santo; simples influência da rima.

A respeito da Senhora da Hora, sendo ela padroeira ou advogada dos nascimentos, medianeira «duma boa horinha do parto», podemos dizer que, por analogia, para o nascimento dos dentes definitivos se implora a sua intercessão.

Quanto ao S. João, este santo é de enorme popularidade no norte do nosso país. Ao mesmo tempo pode evocar-se a circunstância da rima com *pão* e *são*.

Quanto ao milagroso Santo António, a sua popularidade é muito grande em todo o Portugal e muito especialmente no sul. A expressão «Santo Antoninho» é não só reflexo de carinho e ternura mas, ao mesmo tempo, necessidade de rimar com «sãosinho».

O *Pelheirinha*, *pelheirão* da fórmula publicada por Jaime Lopes Dias, respeitante a Idanha-a-Nova, é referente à *pelheira* ou *pilheira*, vão maior ou menor aberto na parede das cozinhas, quase sempre perto da lareira. Ali se arrumam e guardam várias coisas.

É, digamos um sítio onde o dentinho ficará a bom recato, livre portanto de ser comido por qualquer animal doméstico, nomeadamente galinhas ou porcos.

*

Seria conveniente, em tarefa complementar, fazer o estudo comparado da prática do arremesso do dente em Portugal com o que é uso fazer-se em muitos países europeus, onde tal prática é igualmente corrente. Isso porém alongaria muito este trabalho, que já vai longo. O Dr. Fernando C. Pires de Lima no seu trabalho *A prática mágica do arremesso do dente*, cit., nas págs. 11 a 14, meritòriamente, fez uma tentativa de comparação, citando e transcrevendo algumas práticas da Espanha, França e Holanda.

Por esse breve estudo comparativo se verifica que, lá fora, algumas vezes o dente é atirado ao lume.

Saintyves na 4.^a página do seu trabalho *La valeur du jet magique comme rite de fécondité*, cit., diz que na Borgonha e no Alto Marne as crianças atiram o dente de leite ao lume dizendo:

Tiens feu, voilà mon dent.

Renvoie-la-moi aussi claire que l'argent.

Não quero deixar ainda de referir o que se lê na 5.^a página do mesmo trabalho, quanto ao Egipto. Ali a criança a quem caiu um dente de leite guarda-o, e, ao pôr do sol, no momento em que o astro-rei se esconde no horizonte, atira o dentinho na direcção do poente e grita: *Prends la dent d'un âne et rends moi une dent de gazelle.*

Fiquemos por aqui.

Repito: o estudo comparativo da prática do arremesso do dente, prática que se observa não só na maioria, senão mesmo na totalidade, dos países da Europa, mas também no Brasil e em África pelo menos no Egipto, alongaria muito este trabalho, que já vai longo.

Se me for possível ocupar-me-ei deste aspecto de etnografia comparada noutra oportunidade.

Não é de admirar que esta prática esteja largamente difundida à superfície da terra.

É natural que tal suceda.

É que desde épocas remotíssimas os homens devem ter sido fortemente impressionados pela estranha e singular renovação dentária, que não compreendiam nem sabiam explicar. Daí a superstição e os ritos mágicos em ligação com a evolução dentária.

Neste particular, Paul Sébilot, que foi Presidente da «Société d'Anthropologie de Paris» e director da «Revue des traditions

populaires», a pág. 228 do seu livro *Le Folk-lore* ⁽¹⁾, dá uma síntese que julgo merecer transcrição.

«Des amulettes, dans lesquelles entrent souvent des dents d'animaux ou d'hommes, des colliers d'objets préhistoriques, de certaines pierres ou de certaines plantes, des sachets, favorisent l'évolution dentaire. On a soin de ne pas jeter les dents de lait, ce qui exposerait l'enfant à divers inconvénients, si elles étaient avalées par des animaux; on les lance dans le feu en prononçant une conjuration, ou les lance par-dessus le toit; en nombre de pays, la dent est mise dans un trou avec une formulette votive qui s'adresse parfois au rat ou à la souris qui l'a creusé, et que l'on adjure de donner en échange de jolies petits dents».

Conclusões

Este trabalho, está longe de esgotar o assunto.

Certamente há ainda muito que apurar em pesquisas cuidadas feitas pela brilhante plêiada de etnógrafos, que os há, e de bom quilate, no nosso país.

É bem acentuar que no registo das práticas do arremesso do dente importa indicar a região onde tais práticas são norma corrente.

Uma vez na posse de abundantes materiais, bem localizados nas terras do norte, centro e sul do país, poderão marcar-se na carta de Portugal as zonas ou regiões onde predomina esta ou aquela feição, ou modalidade, do tão generalizado rito mágico do arremesso do dente.

(1) Paul Sébilot, *Le Folk-lore, Littérature oral et Ethnographie traditionnelle*, Paris, 1913, 393 págs.

Com a escassez dos elementos de que dispomos, seria temerário abalançarmo-nos à elaboração de tal carta.

É melhor aguardar que os materiais se juntem num quantitativo suficientemente demonstrativo.

No entanto podemos desde já, acentuar a existência de marcada diferença entre o norte e o sul do país.

No sul, além de certas diferenças nos dizeres que antecedem o arremesso, este, geralmente, é feito para cima do telhado.

No norte, embora esporadicamente numa ou noutra localidade também se atire o dentinho de leite para cima do telhado, por via de regra são outros os sítios para onde se faz o arremesso, a saber: para cima do forno de cozer pão, para trás da porta, ou atirado para algures e abandonado, ou subquentemente enterado.

No norte o Minho, o Entre Douro e Minho e parte de Trás-os-Montes, constituem uma região, ou zona, onde, na fórmula votiva ou dizer peticionário do novo dente, figura a palavra que exprime o troço cilindro-cónico de fezes moldadas, palavra considerada *feia*, mas que, apesar disso, no acto do arremesso do dente é dita com toda a sem-cerimónia e sem o menor reбуço.

Esta prática, que talvez se possa chamar coprolálica, julgo que poderá ser tomada como elemento adjuvante de alguma valia, para definir ou demarcar uma região cultural.

O arremesso do dente de leite é bem um mito (1). Este, como é bem sabido, pode ser um conto ou narrativa, uma atitude ou

(1) O Prof. Doutor Fidelino de Figueiredo, filósofo, escritor e pensador, que foi Mestre eminente em várias Universidades da Europa e das Américas Central e do Sul, publicou há pouco o livro *Simbolos & Mitos* (Ed. «Publicações

modo de comportamento, que exprimem ou correspondem a uma dependência estreita duma coisa humana inexplicável com alguma coisa transcendente, invisível, superior, divina, que seria a razão determinante das coisas humanas a que se desconhece a verdadeira razão de ser. O mito é um arrimo a encobrir a ignorância humana.

E assim é que a credence popular, a superstição, julga que seres imaginários e superiores, quase divindades, dotados de excepcionais faculdades, são a razão de ser de muitas coisas humanas, e que por meio de ritos peticionários se pode conquistar o seu auxílio altamente benéfico.

O arremesso do dente de leite que, como vimos, é feito quase sempre para trás das costas, para o mundo dos espíritos, apresenta em algumas das suas modalidades, actos, comportamentos, ou expressões, que, sem a menor dúvida, se enquadram na magia de simpatia. Neste tipo de magia o semelhante actua sobre o semelhante por acção dum ser superior, que é a expressão suprema e transcendente do mito.

A fórmula peticionária ou votiva, com a adjuvância mágica de qualquer coisa semelhante àquilo que se pede — coisa que é materialização concreta daquilo que se busca — procura conseguir que o poder superior que se evoca se transfira, por seu intermédio, à coisa humana e seja exercido do modo mais conveniente e profícuo.

Europa-América», Lisboa, Junho de 1964) do qual extracto as seguintes passagens.

Pág. 40: «A concepção de deuses e de mitos ministra preciosos elementos para a antropologia filosófica ou para a elaboração de um retrato integral do homem». E na pág. 48: «Os homens gostam de mitizar a realidade. Criam e recriam mitos, restauram-nos sobrepõem-nos. Com eles mascaram a verdade, saibam-na ou não».

Tudo isto não é mais do que o reflexo do modo como o homem inculto se comporta, e reage, perante a vastidão e profundidade do mundo desconhecido, procurando ansiosamente explicação para os fenómenos que a sua mente não compreende sem a interferência de poderes sobrenaturais.

RÉSUMÉ

Au Portugal le jet de la dent de lait est si fréquent qu'on peut le regarder comme un usage général.

Aux enfants auxquels une petite dent de lait tombe sont donnés de spéciaux soins pour éviter que la même soit mangée par quelques animaux, particulièrement par les poules et les cochons, ce qui pouvait entraîner de différentes et mauvaises conséquences.

Le jet est réalisé presque toujours par dessus de la tête et le lieu vers où on jet la dent est variable. Quelques fois elle est jetée sur le fourneau du pain, qu'on peut trouver dans la majorité des cuisines des villages au nord du Portugal, autres fois encore elle est jetée sur le toit ou tout simplement dans le cendrier.

Dans quelques régions la dent est jetée derrière le dos sans aucune préoccupation de l'endroit où elle ira tomber.

Le jet est précédé d'une formule votive dont les mots sont très variables. Nous en citerons seulement trois qui, on peut dire, constituent les trois types principaux.

Au nord du Portugal, dans le «Minho» et «Entre Douro e Minho» l'expression prédominant est du type suivant:

*Dent tombée, étron dans la fosse,
Qu'il en vienne une autre pour la case neuve.*

Dans le nord-est du Portugal, dans la province de «Trás-os-Montes», on dit :

*Je jette par dessus l'épaule cette dent,
Pour qu'il m'en pousse une autre plus forte.*

Dans le sud, dans les provinces de «Alentejo» et «Algarve» la dent est jetée sur le toit et on dit :

*Petit toit, grand toit
Prenez cette dent malsaine
Et donne-m'en une saine.*

Le jet de la petite dent de lait c'est bien un mythe. Celui-ci, comme c'est fort connu, peut se présenter sous la forme d'un conte, narrative, d'une situation ou encore d'une manière de conduite traduisant toujours une liaison intime entre la réalité humaine et quelque chose de transcendent, invisible, supérieure et divine.

En fait, la crédulité populaire — la superstition — veut que des êtres surnaturels et imaginaires, semblables à des divinités douées de facultés exceptionnelles, soient la raison d'être de beaucoup de réalités humaines dans leur commencement, évolution et fin.

À l'égard du mythe ce pouvoir opérant est susceptible d'être transféré et d'agir sur les choses humaines selon des rites de pétition.

Le jet de la dent de lait fait presque toujours derrière le dos, c'est-à-dire vers le monde des esprits, exprime donc, en quelques-unes de ses modalités, des actes, des conduites ou des expressions qui, sans doute, s'encadrent dans la magie de sympathie selon laquelle le semblable agit sur le semblable par l'action d'un être supérieur, qui correspond à l'essence suprême et transcendent du mythe.

La formule pétitionnaire ou votive avec l'intromission de quelque chose de semblable à ce qu'on demande, c'est-à-dire avec la matérialisation concrète de ce qu'on veut atteindre, cherche par son influence, à transférer à la chose humaine le pouvoir supérieur évoqué afin qu'il y soit exercé de la manière la plus convenable et efficace.

Tout cela n'est qu'un reflet de la façon dont l'homme ignorant s'exprime et agit devant l'immensité et la grandeur du monde inconnu, cherchant avec anxiété une explication pour les phénomènes auxquels son entendement ne parvient pas sans l'interférence de pouvoirs surnaturels.

SUMMARY

In Portugal, the action of throwing away the milk teeth is so common that we can say it is a general use.

Children whose milk teeth fall are given special care to avoid that the same should be eaten by certain animals, specially hens and pigs, which might bring about injury and bad luck.

The throw is usually backwards and the place where the tooth is due to fall varies.

Sometimes, it is thrown over the bread-oven which is still to be found in a good deal of kitchens in the villages of the north of Portugal, sometimes, it is thrown over the roof, or just cast into the hearth ashes.

In some regions, the tooth is thrown backwards without any choice of place where it is going to fall.

The act of throwing is preceded by a votive formula whose words vary a lot and from which we will mention only three, representing the most important and common types.

In the north of Portugal, in the provinces of «Minho» and «Entre Douro e Minho» the predominant type is as follows

*Tooth out «cag... (1)» into the hole
May another grow in the new little site.*

In the northeast of Portugal, in the province of «Trás-os-Montes», they usually say:

*I am throwing backwards this tooth
That a stronger one may grow.*

In the south, in the provinces of «Alentejo» and «Algarve», the tooth is thrown over the roof, and they say;

*Little roof, big roof
Take this bad tooth
And give me a good one.*

The act of throwing away milk teeth is, actually, a myth. The latter as it is well known, may assume the form of a tale or narrative, of an attitude or even of a behaviour, expressing always the intimate association of a human object to something transcendent, invisible, superior and divine.

Hence the reason why according the popular belief—superstition—imaginary and superior beings, almost gods gifted with exceptional faculties, are supposed to be the reason of being of many human things in their beginning, evolution and end.

(1) This portuguese word is not a polite one, therefore we suggest *faeces*.

As regards the myth, this operating power can be transferred to human things over which it is exercised by means of petitionary rites.

The action of throwing a milk tooth backwards, that is into the spirit world, present in some of its forms, an action, a behaviour or an expression belonging to the sympathy magic process, according to which a thing can operate over a similar one through a supernatural being that is the highest and transcendental manifestation of the myth.

The petitionary or votive formula, introducing a thing that is similar to what is sought — thus giving the latter a materialized, concrete form — aims at the transference of the evoked superior power to the humanity, upon which it will be exercised in the most suitable and efficient way.

In other words, this is but the reflex of the way how the unlearned man reacts and expresses himself before the depths of the unknown world, making anxious efforts to find an explanation for the phenomenae that his mind can not grasp without recourse to supernatural and imaginary powers.

ZUSAMMENFASSUNG

In Portugal misst man dem Ausfallen und Wegwerfen der Milchzähne besondere Bedeutung bei.

Wenn einem Kind ein Milchzahn ausfällt, sorgt man dafür, um böse Folgen zu vermeiden, dass er nicht von Tieren, wie Hühnern oder Schweinen gefressen wird.

Der Milchzahn wird gewöhnlich über den Kopf: nach hinten weggeworfen, und die Stelle, auf die er fallen soll, wechselt: manchmal schleudert man ihn auf den Backofen, der noch in den meisten Küchen Nordportugals steht, oder auf das Dach oder einfach in die Herdasche.

In manchen Gegenden wirft man den Zahn aufs Geratewohl nach rückwärts, nicht ohne vorher einen Spruch aufgesagt zu haben. Der Inhalt dieser Zaubersprüche wechselt je nach der Gegend. Hier nur drei Beispiele:

1. typisch für den Norden Portugals und zwar die Provinzen «Minho» und «Entre Douro e Minho»:

*Zahn raus, scheiss' ins Loch,
Möge ein neuer Zahn drtn wachsen.*

2. für die Provinz «Trás-os-Montes» im Nordosten Portugals:

*Ich werfe diesen Zahn hinter mich,
Damit ein stärkerer an seiner Stelle wachse.*

3. im «Alentejo» und «Algarve» im Süden, wo man den Zahn aufs Dach wirft, heisst es:

*Kleines Dach, grosses Dach.
Nimm den schlechten Zahn
Gib einen guten dafür.*

Das Wegwerfen der Milchzähne gehört in den Bereich des Mythos. Dieser tritt in Märchen, Erzählungen oder im Verhalten auf und beleuchtet stets den inneren Zusammenhang, der zwischen einem menschlichen Gegenstand und dem Unsichtbaren, Höheren und Göttlichen besteht.

Daher der volkstümliche Aberglaube, dass höhere, gottähnliche Wesen mit übernatürlichen Fähigkeiten den Daseinsgrund von mancher menschlichen Wirklichkeit in ihrem Beginn, ihrer Entwicklung und ihrem Ende bilden.

Was den Mythos anbelangt, so kann seine Macht auf menschliche Gegenstände durch Bittgebete übertragen werden.

Das nach hinten, d. h. in die Geisterwelt, Werfen des Milchzahns, ist in einigen seiner Formen eine Handlung, ein Verhalten, ein Ausdruck der Magie, demgemäss ein Gegenstand auf einen ähnlichen durch das Übernatürliche in der höchsten transzendentalen Erscheinungsform des Mythos einwirken kann.

Die Bitte oder der Zauberspruch gehen von einem Gegenstand aus, der dem erwünschten ähnelt, und geben ihm so eine materialisierte, konkrete Form und suchen mit seinem Einfluss die höheren Mächte auf den menschlichen Gegenstand zu lenken, auf den sie einwirken sollen.

Das alles spiegelt lediglich die Art wieder wie der unwisende Mensch sich angesichts der Grösse des Unbekannten verhält, indem er verzweifelnde Anstrengungen macht, Erklärungen zu finden für die Erscheinungen, die er ohne das Eingreifen übersinnlicher Mächte nicht versteht.

biblioteca
municipal
barcelos



10526

O arrecesso dos dentes de leite